



Congresso Internacional de Envelhecimento Humano

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

SENHORAS DE SI E DO PRÓPRIO TEMPO. UM OLHAR SOBRE ALGUMAS REPRESENTAÇÕES DO TEMPO ENTRE MULHERES IDOSAS

Cristiane Leal Rodrigues Soares(UFPB)
Cristiane.30@hotmail.com

Introdução

Este trabalho é resultado de uma pesquisa recentemente defendida no doutorado em Sociologia na UFPB. A motivação para seu desenvolvimento encontra-se centralmente na observação de dados resultantes de pesquisas desenvolvidas em João Pessoa, especialmente na pesquisa organizada por Franch e Queiroz¹ e outra realizada por Soares², que sugerem novos comportamentos da velhice feminina nesta cidade. Assim como também apontaram Debert³ e Britto da Motta⁴ em investigações em outras cidades brasileiras. De acordo com esta última pesquisadora a vivência do tempo é importante dimensão para o entendimento da experiência do envelhecimento, daí a busca por conhecer essa dimensão da vida social entre mulheres idosas. Estas, majoritariamente dos segmentos médios, demonstraram se contrapor, de alguma forma, aos tradicionais papéis femininos (mães, avós, donas de casa) em tempo integral. Foi observado recorrentemente no cotidiano do bairro, o incentivo, de umas às outras senhoras, a estabelecerem estratégias diárias para “cuidarem de si mesmas” e para “separarem um tempo para si”. Diante de tais observações alguns questionamentos foram inicialmente levantados: As mulheres dos segmentos populares também seguem essas tendências de intenções? Como se dão as representações sobre o tempo entre as senhoras de ambos os grupos?

Tendo em vista tais questionamentos neste trabalho objetiva-se discutir de forma panorâmica algumas representações do tempo por mulheres idosas pertencentes a dois segmentos sociais distintos: os segmentos médios e populares. Procura-se ainda apresentar alguns dos usos que elas fazem do tempo cotidiano,

revelando a velhice como uma fase favorável para o desenvolvimento de uma vida para si, auto satisfatória, que tem como base o enaltecimento de uma ética que privilegia “um tempo para si” em detrimento ao “tempo dedicado aos outros”.

Metodologia

Os elementos empíricos deste trabalho foram qualitativamente selecionados. Utilizou-se primordialmente o recurso das narrativas de vida de 13 senhoras dos segmentos citados, segundo os moldes de Bertaux⁵, residentes na cidade de João Pessoa, na tentativa de conhecer as transformações no curso da vida contemporâneo, nos valores, nas representações e nas práticas relacionadas à velhice feminina. Também foram realizadas observações diretas, seguindo as orientações de Magnani⁶, em um dos bairros dessa cidade, o bairro de Bancários. Onde também foram realizadas entrevistas semi estruturadas e aplicados questionários com aproximadamente 60 senhoras com idade entre 60 e 70 anos.

Resultados e Discussão

Estudar as representações e usos do tempo por mulheres idosas a partir da metodologia das narrativas de vida envolveu as senhoras participantes da pesquisa como narradoras capazes de interpretar e construir significados sobre suas próprias experiências de vida. Suas trajetórias de vida narradas no presente, tecidas pela memória, trouxeram referências simultâneas sobre mudanças e permanências de valores e práticas que se desenrolaram no transcorrer do tempo. A construção dessas trajetórias narradas baseia-se fundamentalmente em distintas experiências marcadas por lugares, valores e códigos simbólicos diferenciados, especialmente pela dimensão de classe, dos segmentos populares e médios, ainda que se considere e se perceba que existam “simultaneidades”, como discute Vaitsman⁷, entre os códigos culturais desses dois segmentos.

Através de suas narrativas as senhoras trouxeram importantes aspectos das etapas de suas vidas através das quais se manifestaram diferentes concepções sobre o tempo e diferentes possibilidades de vivências. A organização do tempo presente não se separa de suas experiências passadas. As narrativas das senhoras em relação ao tempo mostram a preocupação de um redimensionamento do tempo limitado pela ideia de seu próprio fim, a partir da opinião de que o tempo passado parece ser mais longo do que aquele que se está por vir. E com isso ressalta-se a necessidade de um tempo para se viver melhor o aqui e o agora, priorizando o presente e seu bom proveito. Para a maior parte das senhoras, geralmente envolvidas com os ideários da terceira idade e do envelhecimento ativo, de ambos os segmentos investigados é preciso viver o hoje intensamente e de forma disciplinada, a fim de garantir no presente e num futuro próximo, uma boa vida. É neste sentido que se pode aproximar essa temporalidade das senhoras com a ideia de “presente estendido” que nos apresenta Helga Nowotny⁸.

Em suas experiências as senhoras expressaram diferentes concepções de tempo, revelando duas representações marcantes, em ambos os segmentos: a noção de tempo “auge das obrigações”, relacionada aos primeiros anos da vida adulta. E o tempo presente mais associado ao “tempo de liberdade”, ou o “tempo para si”.

Para as mulheres que desenvolveram alguma atividade profissional, nos dois segmentos pesquisados, o tempo de vida adulta, comportou tempos múltiplos, de várias atividades que necessitavam ser conciliadas. Segundo os relatos é fundamentalmente em torno do casamento, das obrigações de trabalho, da maternidade, ou seja, através de um conjunto de responsabilidades da vida que marcam para as senhoras a integração à vida adulta. A sobreposição de obrigações dessa fase da vida traz a ideia “do tempo auge das obrigações”. O hoje abre espaço por sua vez para o tempo de libertação. Para o uso do tempo prioritariamente com



Congresso Internacional de Envelhecimento Humano

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

atividades voltadas para a auto-satisfação em outros ambientes e não somente no ambiente doméstico ou no trabalho.

Dona Vera: Com dois meses de casada eu engravidei, aí foi que o nó apertou, eu me vi feito uma louca, quase não tive direito a resguardo, porque se não voltasse pra o trabalho, corria o risco de ser demitida. Era muita coisa pra uma pessoa só, trabalhava, cuidava de casa, de menino, tinha dia que eu chorava. Esse tempo foi pesado, foi o auge das minhas lutas, das minhas obrigações, mas eu era nova né aguentava, hoje não, hoje tenho que descansar! Aproveitar o tempo de vida que me resta! Viver!

A pesquisa mostrou que há ganhos de várias naturezas nessa época da vida, e há um tempo que, ao ser apropriado, por essas mulheres, passa a ser usufruído com satisfação. A elaboração desse tempo pode ser inclusive compreendida como uma conquista individual, em que a mulher desejosa de ter mais “tempo reservado para si”, inventa novas lógicas racionais de lidar com as atividades “menos prazerosas” do dia a dia a fim de perder menos tempo com elas. O emprego do tempo é então determinado por uma mudança de habitus⁹, inspirada por novos valores, acessados em diferentes instituições que agenciam a velhice, através das quais se assimilam novas lógicas de relações entre obrigações e prazer. Tal perspectiva associa-se as reflexões em Beck e Beck-Gernsheim¹⁰, quando tratam sobre os princípios dos deveres para consigo mesmo frente a lógica da satisfação pessoal presente na sociedade contemporânea. E que pode ser percebido no trecho de uma das narrativas.

Dona Ana: Uma coisa que não abro mão é das minhas caminhas, minhas aulas de artes, minhas amigas, meus passeios, tudo o que tem feito da minha vida cada dia mais feliz. Antes eu era presa, só vivia para os outros, em casa, lavando, cozinhando, hoje eu divido, tenho tempo pra tudo, inclusive pra mim. Quero fazer o que gosto. Sou dona do meu tempo!

Ainda que as obrigações maritais sejam presentes, ou que o apoio e cuidados com a família permaneçam como uma preocupação central, as mulheres, de ambos

os grupos, encontram, cada uma a seu modo, estratégias para desenvolver um tempo para si, para fazer o que gosta, para viver a velhice como um tempo de prazer.

Conclusão

O Trabalho procurou apresentar algumas representações sobre o tempo entre mulheres idosas de João Pessoa. Revelando mudanças relevantes entre o tempo vivido no passado: o tempo das obrigações, e o presente: o tempo de libertação, o tempo para si. Essas representações foram observadas em ambos os grupos, demonstrando que o envelhecimento feminino fundado na ética da valorização pessoal não diz respeito apenas aos segmentos mais altos da sociedade. Observou-se assim que o tempo da velhice pode ser encarado como um dos ganhos dessa etapa da vida uma vez que algumas obrigações: maternas, trabalhos, entre outras já se foram com o tempo ou pelo menos tornaram-se menos intensivas, abrindo espaço para outras vivências.

Referências

1. Franch M, Queiroz TC. Da Casa à Praça. Um estudo da revitalização de praças na cidade de João Pessoa. Belo Horizonte: Argumentum, 2010.
2. Soares CLR. Mulheres Idosas, suas sociabilidades e as ruas em que moram. Um olhar comparativo entre grupos sociais distintos. In: CCHLA Conhecimento em Debate; 2010 Nov 22-26; João Pessoa, Brasil.
3. Debert GG. A reinvenção da velhice. São Paulo: Fapesp; 1999.
4. Britto da Motta A. Chegando pra idade. Rio de Janeiro: FGV; 2007.
5. Bextaux D. Les récits de vie. Perspective ethnosociologique. Paris: Nathan; 1997.
6. Magnani JGC. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana Rev. bras. Ciênc. Soc. vol.17 n.49; São Paulo; 2002.
7. Vaitsman J. Pluralidade de mundos entre mulheres urbanas de baixa renda. Estudos Feministas, vol. 5 (2): 303-320; 1997.
8. Nowotny H. Le temps à soi. Paris: Maison des sciences de l'homme; 1992.



III CiEh **Congresso Internacional
de Envelhecimento Humano**
Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

9. Bourdieu P. Sociologia. (organizado por Renato Ortiz). São Paulo: Ática; 1983.
10. Beck U; Beck-Gernsheim E. La Individualización. Barcelona: Paidós; 2003.